

 @hojeemmoçambique

Nampula - Moçambique  
E-mail: [comercial@hojeemmocambique.org](mailto:comercial@hojeemmocambique.org)

# DESTAQUES



**Os impactos da electrificação rural e os desafios de gestão de expectativas nas zonas centro e norte de Moçambique**



Somos o melhor parceiro audiovisual

Dispomos os seguintes serviços: i) **Consultoria Multimédia**; ii) **Assessoria de Imprensa**; iii) **Produção Audiovisual**.

# ANUNCIE CONNOSCO

E-mail: [comercial@hojeemmocambique.org](mailto:comercial@hojeemmocambique.org)

Da escuridão ao progresso

## Os impactos da electrificação rural e os desafios de gestão de expectativas nas zonas centro e norte de Moçambique



©Hoje em Moçambique: Electrificação nas zonas rurais

**N**os últimos tempos, a falta de corrente eléctrica tem sido um desafio para várias comunidades, sobretudo para aqueles que sonham em empreender ou iniciar negócios que dependem deste recurso, considerado um dos principais impulsionadores do desenvolvimento local.

No entanto, a electrificação das comunidades rurais, por meio do projecto Energia para Todos e de outras iniciativas promovidas pela Electricidade de Moçambique (EDM), tem transformado vidas em diferentes camadas sociais. A prática de pequenas actividades de industrialização, como o funcionamento de moageiras, tem contribuído para a empregabilidade de jovens, embora algumas comunidades ainda aguardem pelo cumprimento das promessas de electrificação.

Nesta matéria, baseamo-nos em quatro províncias, nomeadamente: Niassa, Nampula e Cabo Delgado, no

norte do país, e Zambézia, no centro. O distrito de Alto-Molócuè, na província da Zambézia, é o ponto de partida, onde analisamos a electrificação rural e a gestão das expectativas em torno das novas ligações. Nesta localidade foi construída uma nova subestação, com a promessa de beneficiar mais de 10 milhões de moçambicanos até 2024, no âmbito do programa Energia para Todos.

Na comunidade de Muichana, distrito de Alto-Molócuè, por exemplo, a chegada da energia eléctrica trouxe mudanças visíveis, como o surgimento de pequenas indústrias. Um exemplo é a moageira, que tem ajudado a população local, já que antes era necessário percorrer longas distâncias para moer os produtos.

“Antigamente sofríamos para moer os nossos produtos, porque tínhamos que ir até à vila. Mas agora, com a moageira aqui na comunidade, a situação

mudou”, explicou Delta Elias, residente e mãe de três filhos. Ela acrescentou que, para os moradores que não conseguiam deslocar-se até à vila, a alternativa era usar moageiras tradicionais movidas a diesel, mas o produto saía misturado com combustível, provocando mau cheiro.

Para além das pequenas indústrias que ajudam a população a processar os seus produtos, o empreende-

dorismo também tem ganhado espaço entre os jovens desta comunidade. Silva Diniz, jovem empreendedor, contou os benefícios que obteve com a chegada da corrente eléctrica à sua zona.

“A energia trouxe coisas boas. Antes, uma pessoa precisava de cortar uma madeira de 30 centímetros ou mais com serrote manual, mas agora a energia ajuda muito, já conseguimos trabalhar com máquinas”.

Com a electrificação, também foi possível a instalação de algumas empresas na comunidade, criando novas oportunidades para jovens. Benício Eusébio afirma que o emprego que actualmente tem só foi possível graças à electrificação.

“A energia mudou muita coisa aqui. Foi uma das razões que me trouxeram para cá, através da empresa que se instalou depois da chegada da corrente eléctrica.”

Apesar dos benefícios, há quem destaque a necessidade de reduzir o custo da energia. “Estamos a pagar muito caro. Uma recarga de 500 meticais, com as máquinas que uso, não dura nem 15 dias. Isso é complicado, porque os meus lucros ficam baixos e ainda tenho de lidar com os clientes”, disse um dos residentes, que pediu às autoridades competentes a redução do preço ou o aumento da quantidade de kW fornecidos.

Para além de impulsionar pequenos negócios, como a venda de galinhos, peixe, refrigerantes e outros produtos, a electrificação também contribuiu para a melhoria da segurança pública e para a geração de renda, sobretudo para os jovens que antes enfrentavam o desemprego e estavam mais vulneráveis à criminalidade.

Alguns moradores do distrito afirmam que, antes da instalação da corrente eléctrica, a criminalidade tomava conta da região, afectando tanto a população local como visitantes vindos de diferentes pontos do país.

“Aqui havia muita criminalidade. Muitos camionistas sofriam, por causa de alguns jovens daqui. Mas, com a chegada da energia e a montagem da rede, essa criminalidade diminuiu, porque algumas empresas deram oportunidade a jovens de trabalharem e ganharem o seu sustento honestamente”, afirmou Sarmento Munguanbe.

Segundo o Director da EDM em Quelimane, Lodovino Bezeza, o plano da Electricidade de Moçambique na



©Hoje em Moçambique: Empreendedorismo juvenil contribui na criação de pequenas indústrias (moageira) na comunidade de Muichana, distrito de Alto-Molócué

Zambézia para os próximos anos é ambicioso, aliás, o dirigente afirma que está previsto atingir 64% de cobertura nacional até 2030.

“Temos o grande desafio de, até 2030, 64% da população moçambicana consumir energia da rede nacional. É um processo gradual, não será feito



Lodovino Bezeza, Director da EDM em Quelimane

num só dia. Existem zonas onde já há investimento, o que facilita a actividade, mas também há áreas distantes da rede nacional que ainda carecem de

muito investimento para garantir que estas comunidades se beneficiem da iluminação”.

Lodovino, reconheceu ainda os obstáculos que dificultam o processo, como as más condições de acessibilidade e as calamidades naturais que o país enfrenta, factores que contribuem para a destruição de infra-estruturas e a morosidade nas ligações.

“Existem zonas urbanizadas onde tem sido difícil implantar Postos de Transformação (PT). Como tem acompanhado, de forma cíclica, o clima, sobretudo com intempéries, afecta bastante. Temos infra-estruturas que são erguidas, mas que, por força do vento ou de fenómenos naturais, ficam devastadas. Isso compromete o fornecimento e obriga-nos a fazer novos investimentos”.

Em zonas mais remotas, soluções alternativas, como painéis solares e fontes isoladas, estão a ser consideradas. Segundo o dirigente, enquanto a EDM se responsabiliza pelas ligações da corrente eléctrica à rede nacional,



**@Hoje em Moçambique: População do posto administrativo de Carrapira, apontam a fraca capacidade de iluminação**

Depois do distrito de Alto-Molócuè, na província da Zambézia, seguimos para a província de Nampula, no distrito de Monapo, concretamente no posto administrativo de Carrapira. Neste posto administrativo, as comunidades mostram-se satisfeitas com a chegada da corrente eléctrica, mas o desafio da fraca capacidade deste recurso ainda persiste.

Maulano Euzébio, residente há mais de 30 anos naquela comunidade, afirma que, apesar da energia para todos ter ajudado bastante a população local, ainda há necessidade de aumentar a potência ou capacidade do fornecimento, visto que, em algumas vias públicas, os candeeiros instalados não funcionam adequadamente.

“Temos energia para todos, só que há uma parte que a EDM tinha que prever, por causa dos candeeiros nos postos. À noite há muita escuridão nas estradas, acontecem muitos crimes de roubo e até motos são frequentemente tomadas à força devido à falta de iluminação”.

A fonte acrescentou que, após a instalação da corrente eléctrica, a entidade competente deveria realizar manu-

tenções recorrentes, de modo a garantir o bom funcionamento das infra-estruturas nas comunidades abrangidas.

Para além da manutenção rotineira, o aumento de equipamentos de transformação de energia, como os Postos de Transformação (PT's), é visto como um dos mecanismos para ultrapassar o problema da baixa intensidade da corrente eléctrica no distrito. Nos bairros de Mutarawatane e Mancabaré, por exemplo, moradores pedem o reforço da rede com a instalação de novos PT's.



**@Hoje em Moçambique: Obras de instalação da nova ligação da corrente eléctrica, bairro Sete de Abril distrito de Ximbunila**

“Se a EDM trouxesse mais um PT para reforçar a corrente que abastece a zona de Carrapira, seria melhor. Porque, se olharmos para esses bairros mais recônditos, a energia chega muito fraca mesmo. Não é tão forte como aqui no corredor”, afirmou Bonifácio César.

Tal como no distrito de Alto-Molócuè, na Zambézia, o distrito de Monapo também enfrentou momentos constrangedores de criminalidade. Contudo, com a chegada da corrente eléctrica às comunidades abrangidas, e segundo os depoimentos recolhidos, este cenário tende a diminuir. Este facto demonstra que a electrificação das zonas rurais e urbanas é um processo essencial para a vida das comunidades.

Depois da província de Nampula, a nossa equipa de reportagem deslocou-se à província do Niassa, concretamente ao bairro Sete de Abril, no distrito de Ximbunila, onde, actualmente, decorrem obras para a instalação da nova ligação da corrente eléctrica.

Neste ponto do distrito, mesmo sem a conclusão das ligações, a po-

pulação afirma que a chegada da energia será um marco importante, não apenas para a iluminação, mas também para impulsionar iniciativas empreendedoras, sobretudo entre os jovens.

“Nós ainda estamos a aguardar. Acreditamos que, com a energia na nossa comunidade, iremos começar a desenvolver os nossos negócios. Agora não temos como iniciar, porque precisamos da energia para usarmos com os nossos equipamentos”, frisou António Luís, de aproximadamente 40 anos e residente local.

Tal como nas restantes comunidades visitadas pela nossa equipa, a expectativa em relação à implementação de pequenas infra-estruturas é grande também em Ximbunila.

O jovem Jaimito Cassimo de aproximadamente 25 anos de idade explica que, “nos últimos dias temos vivido com alguma dificuldade. Gostaríamos de colocar as nossas moagens para ajudar a comunidade, mas estamos à espera da conclusão das obras para ver se conseguimos implementar os nossos sonhos”, disse, acrescentando que, com a falta de emprego no país, os desafios enfrentados pelos jovens são enormes, e a luta para conseguir um trabalho, mesmo de baixa remuneração, continua a ser uma das maiores dificuldades.

Mesmo com os avanços significativos na expansão da corrente eléctrica, em alguns bairros da província de Cabo Delgado existem locais onde os postos foram instalados e os cabos lançados, mas a energia nunca chegou às comunidades locais. Esta situação tem gerado debate entre a população e diversos actores da sociedade civil.

Devido a este cenário, muitos moradores sentem-se abandonados e cobram respostas das autoridades responsáveis pela electrificação das co-

munidades onde os postos e cabos foram implantados, mas onde as ligações ainda não foram concluídas. Como explica Zainabo Gustavo.

“Até agora estamos a reclamar uma coisa, o assunto da energia. Esses homens de lá sempre passam, dizem que estão a instalar. Trouxeram fios, colocaram ali e deixaram. De 2024 até hoje não aparece nada.”



@Hoje em Moçambique: Obras de instalação da nova ligação da corrente eléctrica, ainda em curso em Cabo Delgado

Sobre esta preocupação, o administrador do pelouro de Desenvolvimento da Electricidade de Moçambique (EDM), Luís Genje, reconhece que o processo



Luís Genje, Administrador do Pelouro de Desenvolvimento da Electricidade de Moçambique (EDM),

de electrificação ainda é um desafio. A entidade tem a meta de ligar mais de 450 mil instalações de clientes num período de cinco anos, isto é, até 2030.

“Existem condições para tal. Com o apoio do Governo e de parceiros estamos a conseguir alcançar os financiamentos necessários para os projectos em curso. Neste momento, estamos a

concluir a electrificação de postos administrativos e povoados. O desafio agora é ligar cerca de 450 mil clientes por ano até 2030, e esperamos conseguir.”

Mesmo com a demora das obras de instalação das novas ligações, a esperança de conclusão ainda prevalece entre os moradores locais.

Apesar dos esforços empreendidos pela EDM na instalação de novas ligações, a vandalização das infra-estruturas tem representado um grande obstáculo, afectando negativamente os avanços.

“Infelizmente, o fenómeno da vandalização é uma realidade. É um mal que não desejávamos. Contamos com toda a sociedade no combate a este

problema, porque tem levado a EDM a empreender esforços financeiros avultados para repor infra-estruturas já implantadas para servir os clientes. Consideramos isso um retrocesso.”

A fonte explica ainda que, devido aos prejuízos causados pela vandalização das infra-estruturas registadas

por esta entidade, mais de 15 milhões de dólares foram utilizados para o efeito.

“Em termos de prejuízos, só no ano passado tivemos um investimento acima de 15 milhões de dólares para repor infra-estruturas danificadas. É muito dinheiro, que poderia ser aplica-

do em outras actividades.”

De referir que, em cada comunidade visitada pela nossa equipe de reportagem, foi possível compreender que a energia eléctrica é considerada como um símbolo de desenvolvimento e melhoria da vida da população.

**Por: CAMANETE AGOSTINHO**

Na província da Zambézia

## Mais de mil alunos estudam em condições inadequadas devido a Paralisação das obras de reabilitação da EPC-Aeroporto de Quelimane



©Hoje em Moçambique: Obras paralisadas

**N**o âmbito da passagem do clone Freddy, diversas infra-estruturas públicas e privadas foram afectadas, incluindo a Escola Primária Completa do Aeroporto, na cidade de Quelimane, que também foi alvo desta tragédia.

Após os danos causados pelas intempéries, a escola foi incluída num projecto de reabilitação orçado em mais de 7 milhões de meticais, com arranque previsto para o dia 21 de Março de 2024 e prazo de execução de cinco meses. No entanto, o empreiteiro adjudicado para a reabilitação limitou-se a retirar as chapas e, posteriormente, abandonou os trabalhos,

deixando assim mais de mil alunos a estudar em condições inadequadas.

Em entrevista recente, o porta-voz da Direcção Provincial de Educação da Zambézia, Caunda Mutecomala, reconheceu a situação actual em que se encontra a escola em causa, mas negou que o empreiteiro tivesse abandonado as obras.

“Aquela escola faz parte do programa PIFOA. Esse programa esteve em execução durante três anos na província da Zambézia e depois terminou. Tendo o projecto terminado, o Ministério da Educação está, neste momento, a envidar esforços, já foi feito um levan-

tamento para dar continuidade às obras.”

Mutecomala acrescentou que, para além da Escola Primária do Aeroporto de Quelimane, há muitos outros estabelecimentos de ensino que precisam de intervenção para garantir condições mínimas de aprendizagem.

“Essas escolas não foram prejudicadas, estão em funcionamento, mas não nas condições que desejamos. Neste momento, o que estamos a fazer é trabalhar para melhorar essas con-

dições precárias em que as crianças estudam. Outro exemplo é a escola de Luabo, está em funcionamento, mas em condições impróprias”.

Apesar de a Direcção Provincial de Educação da Zambézia reconhecer que, actualmente, a província, em particular a EPC-Aeroporto de Quelimane, conta com milhares de alunos que frequentam aulas em condições inadequadas, a instituição não avançou novas datas para a retoma das obras de reabilitação, que permanecem paralisadas.

**Por: CAMANETE AGOSTINHO**

# Crónica do Dia

www.hojeemmoçambique.org



ERNESTO TIMBE

## Não me deixem morrer duas vezes: **DESABAFO DA NATÁLIA MACHEVE**

Chamava-me Natália Ernesto Macheve. Tinha 19 anos. Estudava Agronomia e Extensão Agrária na Universidade Eduardo Mondlane. Acreditava que a terra podia ser mais do que chão pisado; podia ser dignidade, fosse soberania, fosse futuro. Sonhava com canteiros comunitários, com mulheres grávidas bem nutridas, com crianças livres da desnutrição crónica. Sonhava com um Sustenta que sustentasse mesmo. Mas não me deram tempo. Nem voz. Nem escolha.

Fui interpelada por homens. Homens que não me perguntaram o nome, nem o curso, nem os sonhos. Homens que me violaram e mataram como se eu fosse nada. Como se eu nunca tivesse existido. Como se o meu corpo fosse apenas mais um terreno baldio onde se despeja violência.

E agora: quem vai cuidar da terra que a minha avó me cedeu com tanto orgulho? Quem vai continuar o plano de fazer da agricultura um sector chave no nosso país?

Quem vai criar os canteiros comunitários que eu desenhei com lápis emprestado? Quem vai ensinar que o milho não é só farinha, mas também soberania alimentar?

Se ao menos me tivessem dado tempo... Eu teria ligado. Teria gritado. Teria pedido ajuda. A minha mãe: ela teria vindo a correr, mesmo que fosse a pé, mesmo que fosse noite. Ela sempre disse que eu era o seu investimento mais bonito. A minha avó: teria rezado, teria benzido o caminho, teria oferecido chá de folhas de goiabeira e coragem.

A minha tia: teria batido à porta da rádio comunitária, exigido que falassem de mim. A minha prima: teria largado os cadernos e corrido para me proteger.

As minhas colegas: teriam feito vigília, teriam escrito cartas, teriam gritado o meu nome nas redes sociais. As minhas amigas: teriam dividido a dor, teriam feito turnos, teriam dito: "Hoje durmo eu, amanhã tu, depois ela."

Teria sido fácil. Bastava que me tivessem dado a oportunidade. Bastava que me tivessem deixado escolher. Bastava que me tivessem escutado.

Mas não.

A justiça não veio.

O Estado não se pronunciou.

A rádio falou de futebol e a fazer dedicatórias.

A televisão mostrou inaugurações.

E eu? Eu fui enterrada sem nome, sem rosto, sem direito à indignação.

Durante a Semana da Luta contra a Violência Baseada no Género (VBG), com certeza irão falar de mim. O jornal O País noticiou, em Março deste ano, que Moçambique registou mais de 20.000 casos de VBG em 2024. O meu nome constará no próximo relatório.

Disseram que há leis, gabinetes, planos. Mas ninguém disse por que me deixaram morrer. Ninguém explicou por que os meus agressores continuam livres. Ninguém assumiu que o Estado, ao não agir, é cúmplice.

Quantas de nós terão de morrer para que se faça alguma coisa?

Quantas Natálias terão de ser enterradas com os cadernos por abrir?

Quantas Macheves terão de ser silenciadas antes que alguém diga basta?

Às famílias que perderam as suas Natálias, deixo uma palavra de apreço e dor partilhada. Sei que o luto não se resolve com comunicados. Sei que a ausência não se cura com estatísticas. Mas que o nosso

silêncio colectivo se transforme em força. Que a nossa dor se torne política.

Aos meus colegas de Agronomia, peço: continuem o sonho. Cultivem a terra com ciência e com alma. Façam da agricultura uma revolução. Façam do Sustenta um verbo que se conjuga com dignidade. Façam da minha ausência uma presença constante.

Ao Estado Moçambicano, deixo um apelo: não me homenageiem com discursos. Protejam as que ainda respiram. Que a vossa política pública não seja apenas papel timbrado. Que o Sustenta sustente mesmo. Que a terra seja protegida, mas que as filhas da terra o sejam também.

À Justiça, deixo um grito: não se escondam atrás de processos. Não se demorem em burocracias. Não se calem diante da impunidade. A justiça que não chega a tempo é apenas mais uma forma de violência.

Aos predadores sexuais, deixo uma pergunta: que país é este onde o vosso prazer vale mais do que a minha vida? Que masculinidade é essa que se alimenta da dor alheia? Que poder é esse que se exerce sobre corpos que não vos pertencem?

À sociedade civil, às rádios comunitárias, aos jornalistas, aos líderes religiosos, aos professores, aos activistas, aos estudantes: não deixem que o meu nome desapareça. Que a minha morte não seja apenas mais uma. Que cada Natália que se perde seja uma bandeira erguida. Que cada Macheve que se cala seja uma marcha convocada.

Eu tinha 19 anos. E sonhos. Sonhos de cultivar terra, de ensinar outros, de voltar à minha aldeia com diploma e dignidade. Sonhos de ser mais do que estatística. Mas agora sou apenas silêncio. Um silêncio que grita.

Não me deixem morrer duas vezes. Que a minha voz interrompida sirva ao menos para semear indignação. Porque há muitas Natálias por aí. E cada uma carrega um país que ainda não sabe proteger as suas filhas.